

Naturalidade da morte: uma nova abordagem da tragédia ¹

Rodrigo Pereira Teodoro²

Hudson Ramos³

Kayc Pereira Alves⁴

Paola Tiffani Oliveira Silva⁵

Gilson Costa⁶

Universidade Federal de Mato Grosso
Campus Universitário do Araguaia

RESUMO

Este trabalho pretende descrever o processo de criação do documentário/reportagem *As Facetas da Morte*. Procurou-se abordar a morte com naturalidade, como forma de resistência ao mar de abordagens trágicas sobre o assunto. Acredita-se aqui que tal tratamento do tema é a melhor alternativa, uma vez que não se pode simplesmente isolá-la ou ignorá-la. A produção audiovisual não busca desvendar os mistérios da morte, mas provocar reflexões.

PALAVRAS-CHAVE: morte; abordagem; naturalidade; documentário; reportagem.

1 INTRODUÇÃO

Para a construção da narrativa audiovisual *As Facetas da Morte*, procuramos uma linguagem que seguisse as práticas jornalísticas, mas que fizesse uso de procedimentos comumente utilizados em documentários, propondo, desta forma, uma abordagem híbrida que provocasse uma reflexão sobre as diversas formas de relacionamento com o fenômeno da morte. O produto apresentado, foi parte integrando do trabalho final da disciplina Produção de Documentário e Grande Reportagem, ministrada no curso de Comunicação Social-Habilitação em Jornalismo, na Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Universitário do Araguaia,. O tema Morte tem sido tradicionalmente tratado pela sociedade sob o viés trágico. Enquanto algumas de suas abordagens se esgotam de tanto uso, outras são tão pouco exploradas que se encontram em situação de esquecimento.

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Jornalismo, modalidade Reportagem em Telejornalismo.

² Aluno líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso Jornalismo, email: rodrigopereira08@hotmail.com.

³ Estudante do 7º. Semestre do Curso Jornalismo, email: hudsonarr@hotmail.com.

⁴ Estudante do 5º. Semestre do Curso Jornalismo, email: kaycpereiraalves@hotmail.com.

⁵ Estudante do 5º. Semestre do Curso Jornalismo, email: oliver.pva@gmail.com.

⁶ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo, email: gilcosta@gmail.com.

Abordagens, assim como outros produtos humanos, sofreram a ação da evolução pela qual todas as sociedades passam. Há que reconhecer que as sociedades evoluíram. Dentre todas as posições otimistas e pessimista diante de tal afirmação, e aqui considera-se equilibradamente essas posições, é preciso reconhecer as que dizem que a evolução da sociedade de consumo, sob o viés capitalista, trouxe incontáveis malefícios às populações. Assistimos a ascensão e dominação de um sistema econômico que tomou as rédeas do mundo e selecionou, em todas as nuances das sociedades, o que a ele convém e o que não convém, esse segundo grupo fica a margem. Assistimos também as ascensões de “impérios” que exerceram – e ainda exercem – dominação econômica e cultural sobre povos e nações. E esse é apenas dois dos exemplos de mudanças que ocorreram nos milhões de anos da humanidade.

Esse processo de desenvolvimento pelo qual o mundo em geral vem passando é natural. Além de ser extremamente necessário, ele também não pode ser contido. É claro que esse processo acontece a partir dos conflitos de interesse, que também são naturais, e se o olhar não for panorâmico o processo parece apenas excluir. E realmente exclui pessoas, grupos, ideologias, culturas, dentre outros, e uma atenção especial à exclusão de temas e interpretações sobre fenômenos como o abordado neste trabalho. Mas esse processo é mais um movimento que produz lutas e que funciona a partir de lutas do que um movimento de simples exclusão ou inclusão voluntário. Isso significa que pessoas, grupos, ideologias, culturas e abordagens podem reivindicar e serem reivindicados.

Não pretende-se afirmar aqui que o tema Morte foi abandonado porque as sociedades perceberam que trata-se de uma etapa da vida que pouco se conhece e pouco se controla. Sempre houve e ainda há esforços para conhecer e ampliar o controle sobre a morte. E mesmo com as frustrações, há um arsenal de abordagens em curso. Porém a citada seletividade impediu a variedade em abordagens sobre o tema.

Todos os dias a morte é tratada nos filmes, jornais, livros etc., como algo indominável e autoritário. Ao mesmo tempo, ela é inevitável ou mesmo irrelevante se for levado em conta que ocorre a todo tempo e com uma quantidade inimaginável de pessoas desconhecidas. Comparada ao montante de mortes que acontecem em um minuto, são pouquíssimas as vezes em que o indivíduo conhece a vítima. Essa perspectiva não afirma que os motivos de morte não devam ser questionados e não devam ser objeto de indignação. Apenas considera a morte um fato absolutamente natural. É a perspectiva de naturalidade que o trabalho defende.

Essa abordagem vem conquistando espaço. Em janeiro de 2013 foi ao ar, na Rede Globo, o programa *Pé na Cova*, que tratava o tema com naturalidade e humor, onde os personagens e a morte são inseridos em uma relação de negócio. Esse exemplo mostra que nas mídias brasileiras, a abordagem da morte enquanto fenômeno natural reivindica espaço que ainda é dominado pela abordagem tragédia.

As mídias, devido ao seu caráter de intercâmbio, propicia a troca de significados e são muito eficientes na disseminação de produtos humanos, algumas mais que outras. O audiovisual é um suporte que engloba os dois sentidos fundamentais das trocas de significados contemporâneas e dá, ao espectador, a mais fiel perspectiva dentre os suportes.

Dentre os gêneros do audiovisual, existe o documentário, com suas diversas possibilidades de abordagens, que é capaz de registrar, informar e sensibilizar, simultaneamente. Mesmo que a objetividade seja muito associada a tal gênero cinematográfico – inclusive é comumente confundido com jornalismo –, ainda se discute e defende a presença da subjetividade no documentário. Sobre o estilo de documentário de Eduardo Coutinho, Maria Sílvia Antunes Furtado afirma que as obras do autor apresentam fortes traços de subjetividade, o que caracterizam seu estilo (FURTADO, p. 195, 2012). Nesse sentido, no produto audiovisual apresentado para este trabalho, associa-se o gênero cinematográfico ao jornalístico, porque acredita-se na aproximação em termos de estrutura de ambos. Como estratégia para construção da narrativa, foram selecionados personagens que, a fim de classificação, podem ser reagrupadas em categorias. As categorias são duas: **crença** – e aqui se inclui a falta de crença no caso de um ateu – e **profissão**. Uma vez que o projeto não suportaria abranger todas as crenças que existem e todas as profissões que “convivem” com a morte, e nem tinha essa finalidade, foram feitas escolhas. Assim, dentro da categoria crença somaram-se cinco personagens com religiosidades distintas e um ateu que, inevitavelmente, ocupam suas discussões com o tema. Na categoria profissão foram apenas duas funções diferentes, um coveiro e um politécnico, que trabalham diretamente com a morte. A partir daí, construiu-se uma narrativa.

2 OBJETIVO

O audiovisual *As Facetas da Morte* procura abordar e refletir sobre o fenômeno da Morte, a partir de depoimentos de personagens que relatam suas experiências com o tema.

Experiências de cunho espiritual, levando em conta que o mistério do assunto seja objeto de discussão para todas as religiosidades; e experiências de cunho profissional, já que a morte gera a necessidade de recursos humanos – politécnico, coveiros etc.

Percebe-se que as categorias de personagens do documentário/reportagem são extremamente distintas entre si. Não são polos opostos; estão em linhas paralelas. Os autores selecionaram tais personagens, a fim de construir uma narrativa sobre a Morte com perspectivas de natureza diferentes. Esses personagens falam porque seus hábitos, sejam religiosos ou profissionais, propiciaram muitas reflexões e conclusões sobre a morte. Certa autoridade de fala está imbricada a eles, porém ela não é exclusiva, ou seja, não anula o discurso de outros, porque os relatos são simples e alguns personagens acabam emprestando sua humanidade a eles.

É importante ressaltar que nunca foi o objetivo do projeto criar ou alimentar uma discussão para equacionar um conceito sobre a morte ou mesmo criar um consenso sobre o que ela é. Ao contrário disso, a narrativa tem como objetivo apresentar essas várias perspectivas para estimular reflexões sobre o fenômeno. A naturalidade da abordagem de um tema, que ainda está no imaginário das pessoas como algo catastrófico e macabro, por si só implica em ponderações. A narrativa então incrementa-as com uma quantidade maior de relatos de caráter reflexivo do que os de caráter conceitual. Logo, tem-se uma tentativa de atenuar o lado trágico da morte, tão imperioso nas sociedades, e instalar o lado reflexivo, ainda pouco comum.

3 JUSTIFICATIVA

Nesse sentido, percebe-se que a abordagem a qual o tema é submetido emerge de um oceano de formas negativas de se aborda-lo. As mídias são responsáveis pela disseminação dos conceitos, discussões e fatos relacionados a morte, assim como os conceitos, discussões e fatos de qualquer outro tema. Então é presumível que há uma ideia, ou um grupo de ideia bem homogêneo, hegemônico sobre a morte. Mas apesar de o fluxo de disseminação da morte está muito bem estabelecido, ainda se pode lutar por outras formas de interpelação.

Outra constatação é que o tema Morte é dotado de uma inevitabilidade. É muito comum que as pessoas se distancie dele e reserve suas preocupações para o último momento. No entanto, ao longo da vida, elas vão acabar tropeçando uma porção de vezes nele. Esteve em curso no último século, e ainda está, um processo que tornou a morte um

tabu. No livro didático para ensino médio, *Filosofando: Introdução à Filosofia*, as autoras Maria Lúcia de Arruda Aranha e Maria Helena Pires Martins explica que no início do século XX a morte ainda estava mais presente na vida. A sociedade não a tinha isolado como fizeram num segundo momento do mesmo século. A morte de alguém era vivenciada em casa, a volta de seus familiares e amigos e até as crianças assistiam o definhamento do moribundo:

No mundo urbano contemporâneo, quando alguém morre, o velório não é mais em casa, e sim no necrotério, para onde não se costuma levar crianças, que crescem à margem dessa realidade da vida: nunca veem um morto, nem um cemitério (ARANHA & MARTINS, 2011, p.99).

A falta de conhecimento e controle sobre a morte também gerou a tendência de afastamento. Essas tentativas de se afastar da morte foram frustradas. Não se pode isolar algo tão abrangente. Como muitos dizem, a morte é mais democrática do que qualquer outra coisa: ela atinge todos independente de idade, sexo, etnia, religião, nacionalidade etc. Mesmo que se evite, ela vai estar lá. No jornalismo, ela é o maior dos valores-notícia⁷. O isolamento da morte, cria uma atmosfera torturante às pessoas. Esconder o tema, por ele ser tão inexplicável, colabora com sua mistificação. O receio cresce. É de conhecimento comum que não é possível se esconder da morte.

Sem a possibilidade de colocar o tema em um buraco e jogar um monte de terra por cima – como geralmente faz-se com os mortos –, julga-se aqui, como melhor alternativa, tratar a morte como ela se apresenta: algo natural. O filósofo Michel Montaigne, em uma de suas obras, cita Cícero para quem filosofar “não é outra coisa senão se preparar para a morte” (ARANHA, MARTINS, 2011). Através da saudável reflexão sobre o tema pode-se combater parte do receio que tanto atormenta a vida.

A psicoterapia existencial, acredita que o desenvolvimento individual está relacionado ao confronto “incontornável e inevitável do indivíduo com os dados da existência”. O que o ramo da psicoterapia chama de dados da existência se caracteriza pela “consciência de tragédia inerente à condição humana”, dentre outras consciências. Assim, a consciência da morte

Implica a experiência de contingência, enquanto possibilidade do fim de todas as suas possibilidades (existência/ /finitude), geradora da ansiedade e medo da

⁷ Classificação de fatos que possuem potencial de noticiabilidade.

morte, que emerge do conflito entre a consciência de finitude e o desejo de continuar sendo, (TEIXEIRA, 2006).

As outras consciências são a consciência da liberdade, a consciência da solidão e a consciência da falta de sentido, que não são exploradas no presente trabalho. O importante é saber que, para a psicoterapia existencial, apesar de os indivíduos não poderem escolher possuir ou não estas consciências, que são limitações da sua existência, eles podem escolher de que modo confrontar com essas limitações. Assim, a negação do medo da morte seria uma alternativa de confronto. Mas é claro que essa negação causa efeitos colaterais e são esses que a psicoterapia existencial atua. Sem a pretensão de comparar a proposta do presente trabalho com essa linha de raciocínio, defende-se que uma das formas de atenuar os efeitos da negação é a aceitação da natureza humana, a qual a morte faz parte.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O produto audiovisual *As facetas da Morte* foi elaborado a partir da utilização de técnicas provenientes do gênero cinematográfico documentário e da reportagem telegenérica. Usando os métodos de construção da narrativa que se aplica no modo poético do documentário, os autores se afastaram da objetividade e exploraram o lado subjetivo do tema. Como solucionar a morte, ou mesmo criar um consenso sobre o tema, é um idealismo, e uma pretensão jamais existente no presente trabalho, a sensibilidade que o modo poético proporciona à narrativa, dando mais importância às questões que as respostas, se mostrou ideal.

Nesse projeto usou-se a técnica de entrevista fechada, pois havia um roteiro de questões a serem levantadas. Mas não deixou de migrar para a entrevista aberta, para afrouxar a relação entre entrevistador e entrevistado, relaxando o segundo que é o centro do diálogo.

A proposta se limitou ao enquadramento exclusivo da fonte. A ausência visual e sonora do entrevistador aproxima o entrevistado do público, mesmo sendo claramente perceptível, em alguns momentos da reportagem, a presença de um interlocutor a quem a fonte se direciona no momento do registro da cena. Na verdade, esse detalhe remete a uma técnica de captação de imagem que fornece um ângulo diagonal, dando uma perspectiva menos intimidadora do personagem. O olhar diretamente para a câmera é quase censurador. Não admite um interlocutor.

A escolha por editar as entrevistas em pequenos blocos quebrou a monotonia do filme e permitiu a aproximação de trechos das falas de cada personagem por conteúdo, agrupando-os em grupos temáticos. Essa característica é o esqueleto da narrativa de *As facetas da Morte*.

Os equipamentos e softwares utilizados na captação e edição do documentário/reportagem foram os seguintes: para captação de imagem: uma filmadora digital HD (SONY modelo HXR-NX5 NXCAM), uma câmera DSLR (NIKON 5100), tripé, estabilizador de imagem; para captação de áudio: microfone de lapela, microfone direcional “Boom”; para as edições de áudio e vídeo foram utilizados o programas Adobe Audition CS6 e Adobe Premiere CS6.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O audiovisual *As facetas da Morte* é uma narrativa construída a partir dos relatos de personagens que possuem experiência com o fenômeno da morte. Pessoas que trabalham com a morte, inclusive a consideram sua “patroa”, pessoas que disseminam conceitos sobre a morte, a defendem, acalmam os corações dos receosos e gente que reflete sobre, mas que não quer saber de morte, montam uma abordagem natural do tema. Sobretudo, são pessoas comuns que se preocupam com a imprevisibilidade, porém que riem da própria sorte.

O corpo de personagens do produto audiovisual é composto por oito personagens. Seis compõem o grupo que acima se denominou de categoria crença – nesta inclui-se o ateu; os outros dois são da categoria profissão. Assim, têm-se: o ateu, o padre católico, o pastor evangélico, o líder espírita do Vale do Amanhecer de Barra do Garças e o fiel islamita; o politécnico e o coveiro. Os personagens são mais que fontes aleatórias. Cada um é representante de uma classe e contribuem com uma abordagem diferente sobre a morte.

Os relatos foram divididos em pequenos blocos e reagrupados em grupos temáticos - subtemas identificados nas falas das fontes que se repetiam, ora concordantes, ora divergentes. Por exemplo, o suicídio foi abordado por alguns dos personagens. As falas sobre suicídio foram aproximadas formando um grupo temático. No caso das religiosidades, existe também o grupo temático que explica a morte em cada doutrina.

O documentário/reportagem possui uma locução em voz *over*. O texto foi retirado do livro *A Menina que Roubava Livros* e é a apresentação da personificação da morte. O trecho ocupa a abertura e é narrado sobre imagens feitas no cemitério. A importância de rebuscar esse mito da personificação está na afirmação da inevitabilidade e, portanto,

naturalidade da morte. O ser que colher as almas sem ouvir argumentos, dotado de neutralidade em sua coleta, suas razões, suas emoções.

Apesar da natureza distinta de cada categoria de personagens, eles exercem o mesmo papel: explicam e questionam a morte em suas realidades. Mas o tratamento com a morte varia em cada realidade. Dentre as religiosidades, as diferenças giram em torno de questões de crença e de relevância – ou seja, qual as especificidades relacionadas a morte em cada doutrina. Já nas profissões, é preciso considerar que o coveiro tem mais de 30 anos de atividade; já o politécnico é jovem e sua relação com a morte tem outra natureza, apesar de ser um ofício assim como o do homem que faz covas.

6 CONSIDERAÇÕES

A recente "revolução" da tecnologia de produção audiovisual inauguraram um novo capítulo no debate entre as fronteiras do documentário e do jornalismo, proporcionando significativas metamorfoses em suas estruturas e formas de constituição. Ao tentamos definir as características constitutivas destes gêneros, observamos que em torno dos mesmos, existem mais elementos flutuantes do que fixos.

Acreditamos que esta percepção mostra o quanto é necessário trazer para a formação do jornalista os debates que envolvem as especificidades do documentário audiovisual.

Neste sentido, pensar mecanismos de apropriação das técnicas e dos recursos da produção de documentário na produção jornalística e, nesta perspectiva, encontrar novas receitas que possam dinamizar as interpretações sobre o mundo vivido, recriando novos formatos de comunicação com o público, parece ser uma estratégia que contribui, em parte, para que o campo do Jornalismo se rearticule no intuito de enfrentar os desafios impostos no cenário que se apresenta para este campo de conhecimento.

Diante do desafio de construir uma narrativa híbrida se apropriando de elementos do documentário e da reportagem de telejornal, o projeto resultou em um produto final adaptável à classe cinematográfica e à classe jornalística. Um documentário/reportagem que aborda a morte de forma natural, tal como ela é, através de uma narrativa construída por personagens humanos, apesar do local ocupado de autoridade.

A naturalidade como abordagem da morte conquista um espaço na sociedade. Tal tema não passaria de registro policial ou relatório médico se fosse sempre tratado com a pregada objetividade. Isso porque na morte, não se apresenta respostas, se discute

perguntas. É muito comum no jornalismo a prática de se passar por cima da ausência de fatos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. São Paulo: Moderna, 2011.

DA-RIN, Silvio. *Espelho Partido - tradição e transformação no documentário*. Rio de Janeiro, Azougue Editorial, 2004.

FURTADO, Maria Sílvia Antunes. Anuário de Literatura: Publicação do Curso de Pós-Graduação em Letras, Literatura Brasileira e Teoria Literária. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ISSN 1414-5235, Vol. 17, Nº 1, 2012, págs. 193-202.

LINS, C. *O Documentário de Eduardo Coutinho: televisão, cinema e vídeo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

WATTS, Haris. **On Câmera**: o curso de produção de filme e vídeo da BBC. São Paulo: Summus, 1998.

RAMOS, Fernão Pessoa. *Mas afinal... o que é mesmo documentário?* São Paulo: SENAC, 2008.

TEIXEIRA, José A. Carvalho. Introdução à psicoterapia existencial. *Análise Psicológica*, 3(XXIV), 2006: 289-309. Disponível em: <
www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v24n3/v24n3a03>. Acesso em: 17/11/2014.